



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à rede CNN em Español

São José-Costa Rica, 03 de junho de 2009

Jornalista: Bem-vindos a este programa especial, daqui de San José, na Costa Rica, onde está em visita oficial o presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva. Damos ao senhor as boas-vindas à CNN em espanhol e ao programa Panorama Mundial. É um prazer tê-lo conosco e muito obrigado por aceitar nosso convite.

Presidente: O prazer é meu, Patrícia, de participar desta entrevista.

Jornalista: Presidente, comecemos pelo acidente aéreo da Air France. Qual é a última informação que o senhor tem sobre o acidente? Já se encontraram os destroços do avião?

Presidente: A última informação que eu tenho é que hoje, às 3 horas da manhã, um avião brasileiro que trabalha com infravermelho, conseguiu detectar, a 90 quilômetros de distância de onde encontramos a primeira mancha de óleo ontem e alguns sinais de destroços, outros destroços do avião e me parece que também muitas marcas de combustível no mar. Hoje, às 11 horas, estarão chegando os aviões da Marinha no local, os navios da Marinha brasileira – três fragatas – e nós vamos continuar buscando, porque me parece que a partir de 48 horas pode começar a ter possibilidade de aparecer algum corpo. Então, nós vamos ficar até o momento em que, tecnicamente, alguém disser que não tem mais possibilidade. Nós trabalhamos com a hipótese de encontrar alguns corpos ou todos, se Deus ajudar, para que a gente possa devolvê-los às famílias.



Jornalista: Obviamente está descartada a possibilidade de que haja sobreviventes a esta altura.

Presidente: Não existe, não existe mais possibilidade, a não ser que... um milagre alguém estar dentro do mar todo esse tempo. Eu penso que o avião deve ter batido na água com muita força e deve ter incendiado. Se nós encontrarmos os corpos já é uma coisa, eu diria, muito importante para que os familiares tenham acesso aos seus entes queridos.

Jornalista: E há alguma informação sobre a causa do acidente e a possibilidade de encontrar a caixa-preta?

Presidente: Nenhuma, nenhuma informação até agora, além daquilo que nós já sabemos. Eu não sei qual a profundidade que está esse avião e se é possível encontrar a caixa-preta. Tudo que a tecnologia permitir que nós façamos, junto com os franceses... “Anteayer” falei com o presidente Obama, que também ofereceu ajuda. Tudo o que nós pudermos fazer para ver se chegamos à caixa-preta ou se chegamos ao avião, nós vamos fazer. Somente quando os técnicos disserem que não tem mais jeito, aí certamente, então, nós pararemos as buscas.

Jornalista: Vamos mudar de assunto, Presidente. Na assembléia da OEA que está acontecendo em Honduras, sabemos que o Brasil está liderando um grupo de trabalho para tratar de obter consenso sobre uma resolução que derroque outra resolução que excluiu Cuba. Em que se está trabalhando, em que há acordo, e qual é o consenso para que Cuba retorne à OEA, que se está debatendo?



Presidente: Tem uma diferença entre as posições. Você tem a posição dos Estados Unidos, que aceita revogar a punição à Cuba, com algumas condicionantes – na nota final, falar do restabelecimento do Estado democrático, dos direitos humanos. Tem o outro lado que não quer que tenha nenhuma condicionalidade. Eu falei com o meu ministro das Relações Exteriores, falei com o presidente Obama ontem, ele estava embarcando para o Oriente Médio, conversei com ele, dizendo que o Brasil vai trabalhar para tentar estabelecer um consenso. Nós não poderemos, em hipótese alguma, tomar uma atitude que algum país se sinta derrotado. Nós não queremos que os Estados Unidos se sintam derrotados, mas não queremos, também, que os países da Alba se sintam derrotados.

O Brasil faz parte daqueles países, junto com a Argentina, junto com o Chile e com outros países, que trabalham a possibilidade de encontrar uma forma de [para] que a gente possa contemplar os interesses cubanos e que atenda também aos interesses nossos e dos Estados Unidos. Se não tiver acordo nesta reunião da OEA, nós vamos trabalhar um consenso e vamos, em um outro momento, tomar a decisão.

Jornalista: Não se vai submeter a uma votação?

Presidente: A minha determinação, ao meu ministro Celso Amorim, é que nós não façamos votação. Se não houver consenso, não se discute isso. Aí vamos ganhar tempo para conversar com os cubanos, para conversar com os outros países que têm posição diferenciada, com os Estados Unidos, e eu acho que nós chegaremos a um consenso.

Jornalista: O senhor acredita que se deve impor condições a Cuba para que retorne à OEA, e se este for o caso, quais seriam?



Presidente: Eu acho que, neste momento, é quase uma decisão de reparação e nós não temos que ter a preocupação de impor normas e regras a ninguém. Quando os Estados Unidos, em 1973, estabeleceram que a China era o seu parceiro preferencial, eles não impuseram condicionalidade à China. Eles aceitaram fazer negociações do jeito que a China é. Cuba já amarga um embargo desde 1962, ou seja, são 47 anos de embargo. Eu penso que é importante que a gente comece a fazer uma revisão. Eu tive oportunidade de conversar com o presidente Bush várias vezes, de conversar com o presidente Obama, não existe mais explicação, não existe mais sustentação política. Em um mundo globalizado como este, e depois da queda do Muro de Berlim, nós não temos porquê ficar exigindo nada de ninguém. O que nós temos é que respeitar a soberania de cada país e aceitá-los como eles são.

Jornalista: Presidente, antes de irmos ao intervalo, uma pergunta mais sobre o assunto de Cuba. O senhor teve a possibilidade de conversar com Fidel, com Raúl Castro, e perguntou se estão dispostos a dar algum passo, algum sinal no sentido de modificar sua política de liberdade de expressão, de liberdade de associação? Há algum sinal nesse sentido?

Presidente: Esse assunto é muito difícil de conversar com as pessoas, porque cada país define o regime, define o seu modelo, e não é correto eu achar que o modelo cubano é aquele que agrada ao Brasil. O mais correto é que o Brasil tenha o seu modelo, os Estados Unidos tenham o seu e que os cubanos tenham o seu. O importante é que a gente respeite a soberania e decisão de cada povo. Se nós acatarmos isso, nós viveremos muito melhor e viveremos em paz. Eu já conversei muito com o Fidel, eu já conversei com o Raúl, os cubanos não querem ceder, porque o cubano acha que, depois de tanto tempo de bloqueio, depois de tanto tempo fora da OEA, por que eu tenho que ceder [em] alguma coisa? Se eles que nos puniram, que façam uma revisão.



Mas pela primeira vez, eu acho que os Estados Unidos estão em uma posição boa. Eu sei que o presidente Obama tem dificuldades dentro do Congresso Nacional, então é preciso que a gente tome cuidado para não exigir que o Obama também sofra um desgaste interno. Por isso eu acho que nós temos que encontrar o caminho do meio. Eu sou muito otimista com relação à possibilidade de estabelecer um consenso.

Jornalista: Continuamos a entrevista com o presidente Lula da Silva. Presidente, nesta viagem à América Central o senhor não está promovendo apenas a exploração petrolífera com a participação de empresas brasileiras, também projetos de infraestrutura e a transferência de tecnologia nesse campo em que o Brasil tem tanta experiência, a produção de biocombustíveis. Diz-se que a produção de biocombustíveis – os que questionam essa prática, sobretudo a partir da cana-de-açúcar e do milho – encarece os alimentos, afeta o meio ambiente, causa desmatamento, expulsa camponeses da terra, enfim... O senhor diz que em um país com 280 milhões de hectares cultiváveis, [em] que se cultivem 3%, é um território muito pequeno. Mas na América Central, onde não há territórios cultiváveis tão grandes como o Brasil, não se apresenta um dilema?

Presidente: Cada país vai adotar a matriz energética que melhor convier ao país. Nós não estamos impondo biocombustíveis. Nós apenas estamos dizendo que nós temos uma experiência acumulada de 35 anos. Cem por cento dos carros brasileiros produzidos hoje no Brasil são flex-fuel, podem utilizar 100% de álcool, 100% de gasolina, 50% a [da] mistura que quiserem fazer, e nós ocupamos apenas 1% da terra brasileira para produzir o etanol que estamos produzindo. É lógico que eu não seria louco de dizer para alguém: não produza alimento, produza cana-de-açúcar. Eu seria louco. E acho que também nós precisamos produzir biocombustíveis de coisas que não sejam



alimentos. Por exemplo, os Estados Unidos produzem etanol de milho. Não é correto, seria melhor se produzissem de outra coisa, seria melhor que fizessem parceria com os países da América Central e da África para que produzíssemos uma parte do álcool que eles precisam lá nos Estados Unidos. Mas essa é uma discussão que o Brasil está decidido a fazer em qualquer parte do mundo. Nós já fizemos o zoneamento agroecológico da cana-de-açúcar, vamos fazer do dendê, vamos fazer da soja. Nós temos, ainda, além dos 400 milhões de hectares de terras agricultáveis, nós temos aproximadamente 60 milhões de hectares de terras degradadas, e agora vamos começar um processo de recuperação, plantando nelas cana-de-açúcar ou, quem sabe, outra oleaginosa para fazermos o biodiesel.

Jornalista: Os críticos dizem que os camponeses que trabalham na cultura da cana-de-açúcar trabalham em condições de escravidão, que depois da safra ficam sem trabalho. Como o senhor reage a esses questionamentos?

Presidente: Essa é uma situação grave. Eu estou indo na próxima semana à OIT, e vou levar uma coisa muito importante que acabamos de firmar no Brasil: um acordo com os usineiros para estabelecer uma espécie de contrato de trabalho entre os usineiros e os cortadores de cana. Obviamente que não é um trabalho fácil. No Brasil, está sendo mecanizada a cana-de-açúcar. E qual é o problema? É que vai ter muito desemprego, porque cada máquina que corta cana vai ocupar o lugar de 90 trabalhadores. Então, é um problema que nós vamos ter que resolver: onde colocar mais um milhão de trabalhadores?

Agora, é um trabalho duro, mas muito mais duro é trabalhar em uma mina de carvão, muito mais duro. O mundo, durante séculos... e ainda depende do carvão em muitas áreas. Eu não sei, Patrícia, se você já desceu em uma mina de carvão a 90 metros de profundidade. É um inferno. Então, trabalhar na cana-de-açúcar, perto de uma mina de carvão, é quase um paraíso. Mas é um



trabalho penoso, que nós temos que humanizar, o corte de cana.

Jornalista: Presidente, o ex-presidente Bill Clinton esteve há dois dias em seu país, em São Paulo, e disse que o Brasil teria que demonstrar ao mundo que não está desmatando para produzir etanol. E que, apesar de que seu país é eficiente em termos de combustíveis que não contaminam o meio ambiente, que é o oitavo país do mundo que mais contamina, muito perto da China e da Índia. Não sei se leu essas declarações, e qual seria sua resposta?

Presidente: Não é verdade. Não existem indicadores de que o Brasil é o oitavo país do mundo que mais emite gases de efeito estufa. A verdade é que todo mundo se acha no direito de dar palpite sobre a Amazônia. Se essas pessoas que dão palpite sobre a Amazônia não tivessem desmatado os seus países, elas estariam preocupadas com a manutenção das suas florestas e deixariam que o Brasil tomasse conta da Amazônia.

Veja, o Brasil é um país que tem trabalhado muito para evitar o desmatamento, e nós sabemos que o desmatamento é uma desvantagem comparativa para o Brasil. Nós queremos preservar a Amazônia por causa da sua biodiversidade, pela manutenção do ecossistema. Nós queremos preservar e vamos preservar, sabendo que na Amazônia brasileira moram 25 milhões de pessoas que precisam comer e ter acesso a bens materiais, e nós estamos cuidando da Amazônia. Certamente estamos fazendo aquilo que a Europa e os Estados Unidos não fizeram há 50 anos ou há 100 anos.

Eu acho que é extremamente importante que as pessoas, ao darem palpite sobre a Amazônia, conheçam o que nós estamos fazendo na Amazônia. Estamos fazendo muita coisa. Já diminuimos o desmatamento em 47% e vamos diminuir mais, porque nós queremos fazer a regularização fundiária, nós queremos fazer a utilização da madeira com o manejo correto, certificando a madeira que possa ser utilizada, e eu acho que nós vamos cumprir a nossa



lição de casa. Agora, espero que os Estados Unidos assinem o Protocolo de Quioto e diminuam a emissão de gases de efeito estufa, porque é o país que mais polui. A China é o segundo, só que a China começou há 20 anos. Nos Estados Unidos já tem um século. Então, é preciso também que as pessoas, quando quiserem que um país que tem floresta como a Costa Rica ou como ainda toda a América do Sul – a Amazônia – e preservem, é preciso que os países ricos, que já desmataram, paguem pela preservação.

Jornalista: Continuamos com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, conversando sobre a visita à América Central. Aqui na Costa Rica, entendo que o senhor quer dar impulso ao diálogo, a uma negociação entre a América Central e o Mercosul. Para quando se espera terminar a negociação, fechar um acordo? (incompreensível)

Presidente: No fundo, no fundo, a minha viagem pela América Central... Na maioria dos países é a primeira vez que um presidente do Brasil, Patrícia... O Brasil estava acostumado a olhar para a Europa e para os Estados Unidos, e não para a América do Sul ou para a América Latina. Então, eu estou visitando muitos países para que haja uma integração, do México até a Argentina, entre os países. Nós temos similaridades. E o que o Brasil gostaria de discutir? Primeiro, nós queremos ajudar no desenvolvimento de novas tecnologias, aquilo que o Brasil tem de expertise passar para os países, fazer acordos, aumentar o nosso comércio. É, na verdade, a descoberta da similaridade entre o Brasil e os países da América Central, para que a gente possa fazer aumentar o comércio e, conseqüentemente, aumentar a capacidade produtiva de cada país. É isso que eu estou fazendo, respeitando as assimetrias. Nós temos que respeitar. Eu sempre defini que o bom comércio é aquele [em] que você compre e que você venda, mas que haja um equilíbrio na balança comercial, que um país não leve muita desvantagem com relação ao outro, e



por isso nós precisamos visitar. Muitos empresários da Costa Rica têm que ir ao Brasil, muitos empresários brasileiros têm que vir à Costa Rica, a Honduras, a Cuba, à Guatemala, a El Salvador, porque assim nós vamos fazer as nossas economias crescerem.

Jornalista: Já que falamos nesse assunto, há (incompreensível) avançar essa negociação?

Presidente: Eu trabalho com muito otimismo [de] que o presidente Arias possa nos ajudar, porque ele vai ser presidente do Sica, e nós queremos fazer uma ponte entre Sica e Mercosul. O Brasil é observador do Sica e, portanto, nós trabalhamos com essa hipótese, de que os dois blocos podem fazer um acordo para aumentar o comércio entre os dois blocos.

Jornalista: Falemos do Mercosul, por que o Brasil não faz parte da Alba?

Presidente: Porque o Brasil é um país que tem comércio com muita gente, ou seja, o Brasil tem uma relação comercial amplamente diversificada, e a Alba é um núcleo bolivariano...

Jornalista: A diplomacia petroleira...

Presidente: Mas não tem nenhum problema. Nós temos uma boa relação com todos os países da Alba, a começar da [pela] Venezuela, onde nós temos uma balança comercial de mais de US\$ 5 bilhões. Se eles entenderem que deveriam criar a Alba, é mais um bloco comercial que se cria e eu só desejo que eles tenham sorte.



Jornalista: A Venezuela tem interesse em entrar no Mercosul. Essas nacionalizações de empresas, de Techint, de empresas argentinas na Venezuela, o senhor acredita que podem atrapalhar o ingresso da Venezuela no Mercosul? Alguns presidentes de entidades industriais dizem que esse não é o espírito do Mercosul, onde se deve promover os investimentos, e não a nacionalização.

Presidente: Não creio, não creio. O Mercosul tem regras, e o Chávez sabe que para entrar no Mercosul precisa cumprir as regras do Mercosul. Nós já aprovamos na Câmara dos Deputados, agora vamos aprovar no Senado, e eu creio que a Venezuela, logo, logo estará participando, definitivamente, do Mercosul, para cumprir as regras como o Brasil cumpre, como a Argentina cumpre, Paraguai e Uruguai [cumprem]. Não vejo nenhum problema. A questão de estatização de empresas é um problema muito pequeno na Venezuela. São poucas empresas com problemas específicos dentro da Venezuela. O Brasil tem muitos investimentos na Venezuela, muitas empresas brasileiras estão investindo na Venezuela, e não trabalhamos com essa preocupação.

Jornalista: O senhor não acredita que se possam nacionalizar empresas brasileiras na Venezuela?

Presidente: Não creio, não creio.

Jornalista: Presidente, estão sendo discutidas modificações nas leis de investimentos estrangeiros em seu país (incompreensível), empresas petrolíferas internacionais. Está sendo contemplada uma revisão na lei?

Presidente: Nós estamos, agora, discutindo um novo marco regulatório para estabelecermos a criação de uma nova Lei do Petróleo, porque o Brasil



encontrou muito petróleo, e todos os países do mundo que encontraram petróleo fizeram uma nova Lei do Petróleo. Esse petróleo é a oportunidade de resolver alguns problemas do Brasil, sobretudo resolver o problema da pobreza no Brasil e resolver o problema da Educação. É por isso que nós queremos uma nova Lei do Petróleo, vamos apresentar a proposta. Na próxima semana, o meu ministro da Fazenda, das Minas e Energia, estarão me apresentando a proposta. Queremos fazer um debate com a sociedade brasileira, e queremos continuar tendo sócios.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Nós queremos... Obviamente, queremos fazer como fizeram todos os países do mundo até agora. Para não pegar nenhum país árabe como exemplo, eu poderia pegar a Noruega como exemplo. Eu poderia pegar a Noruega como exemplo de um país que fez regras em que privilegia os interesses do povo da Noruega, e nós queremos privilegiar os interesses do povo brasileiro.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Não, a Petrobras é uma empresa que tem (incompreensível) no mundo inteiro, e vai continuar tendo. O governo pode utilizar esse petróleo que a Petrobras encontrou, porque uma parte... esse petróleo é da União. Então, a União pode ter uma participação maior, até porque ela é dona do petróleo.

Jornalista: Falemos de reeleição, Presidente. Eu sei que o senhor tem reiterado, em diversas ocasiões, que o senhor não busca nova reeleição. A pergunta é: o que o senhor vai fazer quando deixar a Presidência? É possível



que descanse um período e depois regresse? Ou que faça como Nestor Kirchner e se lance para o Congresso?

Presidente: Eu penso que eu já tenho que agradecer a Deus por ele ter me permitido que eu governe o Brasil [por] oito anos. Eu quero terminar o meu mandato com o Brasil em uma situação bastante confortável, quero trabalhar para eleger o meu sucessor ou a minha sucessora, e depois torcer para que ele governe bem o Brasil. O que eu vou fazer depois, somente Deus pode dizer. Eu não quero pensar no que eu vou fazer depois do dia 1º de janeiro de 2011. Eu quero trabalhar até o dia 31 de dezembro de 2010, cumprir com as minhas funções, e depois, como diria: “o futuro a Deus pertence”.

Jornalista: O senhor falou em sucessor ou sucessora. Já está contemplando que Dilma Rousseff não poderia ser a candidata presidencial? Pergunto não apenas porque se fala dos seus problemas de saúde, que se poderiam superar facilmente, mas também porque foi designada uma comissão que investigará denúncias de corrupção na Petrobras, e ela faz parte do Conselho da Petrobras, e poderia ver-se envolvida. O senhor acha que isso afetaria sua candidatura?

Presidente: A Dilma é a minha candidata, é a minha candidata. Está ótima de saúde. Graças a Deus ela conseguiu descobrir o câncer no início, portanto, já não tem mais problema. Está fazendo quimioterapia preventiva. Ela será candidata e está crescendo nas pesquisas de opinião pública, isso é muito importante. Eu penso que a CPI da Petrobrás... eu digo sempre o seguinte: quando a oposição não tem discurso, não consegue fazer o debate econômico, não consegue fazer o debate sobre a infraestrutura, fica procurando pelo em ovo. Aqui também é isso que está acontecendo. Estamos tranquilos, é um problema do Congresso Nacional, e a Petrobras todo mundo sabe que é a



menina dos olhos do Brasil, porque é a empresa mais importante que nós temos, uma empresa de alta tecnologia, a mais importante tecnologia de prospecção em (incompreensível) grandes profundidades.

Jornalista: E não é possível que entre milhares de gerentes e dirigentes da Petrobras não haja um que tenha cometido alguma irregularidade ou esteja envolvido com algum ato de corrupção?

Presidente: É possível, é possível. Agora, para isso, você tem o Tribunal de Contas para investigar, você tem a Receita Federal para investigar, você tem a Controladoria-Geral da República para investigar. Uma CPI, no fundo, no fundo... algumas pessoas utilizam a CPI para fazer pirotecnia. Brincar com a imagem de uma empresa da [como a] Petrobrás, que tem ações no mundo inteiro, não é uma coisa simples. Eu só espero que os Senadores tenham total responsabilidade de fazer a investigação que quiserem fazer, mas preservando a imagem da Petrobras.

Jornalista: Muita gente na América Latina o considera representante de uma esquerda moderna, moderada, pragmática, que conseguiu governar, como o senhor disse muito bem, para ricos e para pobres, tirando milhões de pessoas da pobreza, aumentando o salário mínimo, diminuindo a inflação, diminuindo a dívida pública, aumentando as exportações, enfim, tudo isso, como o senhor disse uma vez em entrevista à revista Der Spiegel, “sem insultar ninguém, sem afetar ninguém, sem buscar brigas com ninguém, sem envolver ricos e pobres em uma luta de classes”. Minha pergunta é: não teriam outros governos da região, entenda-se Venezuela, Bolívia, Equador, Nicarágua, algo a aprender com Luiz Inácio Lula da Silva em termos de diminuir o nível de confrontação interna?



Presidente: Eu respeito o comportamento de cada país. A minha decisão é que eu fui eleito, o mandato só tem quatro anos e eu não tenho tempo de ficar brigando com ninguém, eu não tenho tempo de ficar vendendo ideologia para o povo, eu tenho que vender serviço, eu tenho que produzir serviço.

E eu tomei consciência de que eu tinha que trabalhar muito para poder realizar o que estamos realizando. Graças a Deus, há a compreensão do povo brasileiro de que o Brasil hoje está mais preparado do que já esteve em qualquer outro momento da sua história, e isso é o que conta.

Jornalista: O senhor estaria disposto a debater, cara a cara, distintas visões de país e de sociedade, por exemplo, com um escritor como Mario Vargas Llosa? Mario Vargas Llosa esteve há pouco em Caracas em uma reunião de intelectuais, e se comentou a possibilidade de que se enfrentasse com Hugo Chávez, mas ele disse que, se não era presidente, não debateria com ele.

Presidente: Um presidente da República não pode ficar participando de debate apenas por participar de debate. Eu acho que um presidente da República tem que governar. Quando eu deixar a Presidência e tiver um debate, eu participo de debates com quem quer que seja, com quem quer que seja. Mas o Presidente da República se submeter a um debate, eu acho que é desnecessário e não é uma coisa produtiva para o País. Eu vou ter tempo demais para fazer debates. Quando eu deixar a Presidência da República, eu estarei à disposição do mundo para debater, mas agora eu tenho que governar o meu país com muita responsabilidade.

Jornalista: Especialmente nestes tempos de crise mundial, Presidente, quando o desemprego em seu país, dizem, chegou a um nível de quase 9%, o que se está fazendo para enfrentar o desemprego, quando se diz que seriam necessárias políticas mais agressivas para diminuir, por exemplo, as taxas de



juros e promover o investimento, já que o Brasil tem uma das mais altas taxas do mundo?

Presidente: Vamos ver uma coisa que aconteceu. Até setembro do ano passado – de janeiro a setembro – nós tínhamos criado, no Brasil, 2 milhões e 250 mil empregos. Depois nós tivemos [em] outubro, novembro e dezembro, uma diminuição de 600 postos de trabalho. Agora já começou a crescer em março, em abril, e vai crescer mais em maio.

Jornalista: O desemprego?

Presidente: Não, o emprego, a oferta de emprego. O Brasil... Eu vou repetir aqui o que eu disse seis meses atrás: o Brasil foi o último país a entrar na crise e será o primeiro país a sair da crise, porque nós tomamos muitas medidas. Nós estamos reduzindo a taxa de interesses [juros], nós reduzimos impostos para automóveis, nós reduzimos impostos para geladeiras, para fogões, para máquinas de lavar roupa, nós fizemos crédito para pequenas e médias empresas. Ou seja, nós fizemos as medidas que era preciso fazer. Por coincidência, Brasil e China fizeram as mesmas medidas, e por isso as nossas economias estão se recuperando. O que nós estamos torcendo é para que os Estados Unidos e a Europa se recuperem logo, porque uma parte do mundo depende do crescimento desses países.

Jornalista: Presidente, duas perguntas e terminamos. O senhor acaba de chegar da Guatemala, onde se reuniu com um presidente questionado por denúncias de que está vinculado com o assassinato do advogado (...). Encontrou um presidente debilitado na Guatemala?

Presidente: Não é fácil um presidente sofrer acusações. Agora, o importante é



que a relação do Brasil com a Guatemala não é a relação pessoal entre o Lula e o Colom. É uma relação entre o Estado brasileiro e o Estado guatemalteco. Agora, também é preciso tomar muito cuidado com essas denúncias. Você está lembrado que o presidente que fez o acordo de paz, que hoje é o prefeito da cidade da Guatemala, sofreu a mesma acusação em 1996. Então, é preciso que a gente apure corretamente. Eu confesso, por tudo o que eu conheço do Colom, eu acho muito difícil o Colom ter mandado alguém matar alguém. É muito difícil. Você olha a cara do Colom, é impossível imaginar. Agora, o importante é que há [haja] uma investigação séria e se alguém inventou essa história, eu acho que tem que ser punido severamente.

Jornalista: Presidente, Itaipu. Alguma possibilidade de solução rápida para esse problema? Está o presidente Lugo debilitado pelas denúncias de paternidade em meio à negociação?

Presidente: Todo mundo que exerce um cargo de presidente, mais dia, menos dia recebe acusações, (incompreensível). O Lugo está assumindo a paternidade. Eu acho que todo mundo compreende o papel do ser humano. Nós queremos encontrar uma solução para o Paraguai, com Itaipu. Estamos trabalhando nisso. Eu tenho uma reunião com o Lugo no próximo mês, e eu espero que quando conversarmos, nós tenhamos uma proposta que possa atender aos interesses do povo do Paraguai. O Brasil tem obrigações com o Paraguai, o Brasil tem responsabilidades, e eu só quero ajudar.

Jornalista: Sua vida vai para o cinema no Brasil. Qual espera que seja a mensagem do filme, imagina que será um êxito de público ou não?

Presidente: Eu não vi o filme, eu não quero ver o filme. O filme não é sobre o Lula. O filme é sobre a minha mãe. Na verdade, eu acho que...



Jornalista: Mas tratará também da sua vida...

Presidente: Na verdade, eu sou coadjuvante. A artista principal é a minha mãe. Parece-me que o filme é bom. Pessoas que têm assistido... Eu acho que vai lançar na América Latina, eu acho que vai lançar... Eu penso que é uma boa história, porque é uma história real de um ser humano que está vivo, e parte da história foi contada por mim mesmo. Chegou um momento em que eu disse para o diretor do filme: não converse mais comigo. Converse com os meus irmãos, converse com os meus amigos, porque senão fica uma coisa muito, muito do Lula. Então, eu acho que eles conversaram com muita gente e acho que eles podem produzir um bom filme, acho que podem produzir um bom filme.

Jornalista: Qual é o legado do filme, a mensagem?

Presidente: Olha, eu acho que a mensagem maior, eu diria que é a integração da família, a unidade da família, porque a minha mãe criou oito filhos sozinha, pobres, e nenhum virou bandido, nenhum virou traficante. Todo mundo construiu a sua vida humilde. Eu nunca vi minha mãe reclamar. Eu acho que o legado é a perseverança, não desistir nunca, lutar sempre, que um dia a gente vence.

Jornalista: Muito obrigado, Presidente, por esta conversa

Presidente: “Gracias”, Patrícia.

Jornalista: Foi um prazer conhecê-lo.



Presidente: Prazer, Patrícia.

(\$31DHJMQ)